



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 17 | Nº. 32 | jan./jun. de 2025

Renata Felipe Monteiro *Universidade Estadual do Ceará / UECE* renata.felipe.monteiro@gmail.com

PASSEATAS DA FOME: a participação dos sertanejos alocados na Hospedaria Getúlio Vargas em movimentos sociais (Ceará, década de 1950).

HUNGER STRIKES: the participation of the country folk living at the Hospedaria Getúlio Vargas in social movements (Ceará, 1950s).

RESUMO

O respectivo artigo é um recorte da tese que analisa as experiências dos sertanejos vivenciadas na Hospedaria Getúlio Vargas, entre 1943 e 1959. Em 1951, por exemplo, os sertanejos organizaram passeatas da fome para denunciar a fome constante vivida naquele abrigo, participando, além disso, de outros movimentos sociais em Fortaleza.

Palavras-chave: Sertanejos; Passeatas da Fome; Hospedaria Getúlio Vargas.

ABSTRACT

L'article respectif est un extrait de la thèse qui analyse les expériences des sertanejos vécues à l'Hospedaria Getúlio Vargas, entre 1943 et 1959. En 1951, par exemple, les sertanejos ont organisé des marches de la faim pour dénoncer la faim constante vécue dans ce refuge, également participant, d'autres mouvements sociaux de Fortaleza. .

Keywords: Sertanejos; Marches de la faim; Hospedaria Getúlio Vargas.

Introdução

A Hospedaria Getúlio Vargas – criada em 1943 para abrigar os nordestinos que se encaminhavam para a Amazônia – na década de 1950, em especial nos períodos de grande estiagem que atingiram o Nordeste (1951-1953 e 1958-1959), recebeu milhares de pessoas nas suas dependências que buscavam o alistamento para conseguir passagens subsidiadas pelo governo federal. A permanência naquele abrigo, à princípio, deveria ser breve, no máximo oito dias, para que as pessoas pudessem obter a documentação necessária para partir e receber as vacinas exigidas pelos agentes da migração. Observamos através da análise dos documentos, contudo, que esse tempo de espera extrapola demasiadamente, havendo casos recorrentes de sujeitos que permaneceram por meses aguardando a chegada de navios para poder se deslocar para diversas regiões do país.

Com isso, enfatizamos que naquele espaço de acolhimento federal os sujeitos em deslocamento construíram uma “história social da espera”. Ideia embasada nas pesquisas de Chrysostomo e Vidal, que afirmavam que nos recintos de hospedagem que abrigavam os imigrantes estrangeiros no Brasil, entre meados do século XIX e início do século XX, essa espera ocorria por diversos motivos, podendo ser de natureza técnica, administrativa, política ou mesmo climática. Durante estes momentos de espera forjavam “identidades em trânsito”, criando laços com outros indivíduos (2012, p.2).

Assim, muitos retirantes que buscaram abrigo na hospedaria em Fortaleza nos idos de 1950 lutavam por melhores condições de vida e participavam de movimentos sociais e/ou políticos. Citaremos em específico as passeatas da fome organizadas em 1951, que tinham o propósito de expor à sociedade fortalezense a fome extrema vivenciada cotidianamente pelos retirantes.

Passeatas da Fome

Durante o governo de Getúlio Vargas, na década de 1950 (1951-1954), ações foram realizadas tendo em vista a questão da regulamentação dos gêneros alimentícios. Em 1951 foi criada a Comissão Federal de Abastecimento e Preços (COFAP), através da Lei 1.522/1951, instituição atrelada ao Ministério do Trabalho,

Indústria e Comércio. Possuía autonomia administrativa para intervir no âmbito econômico e assegurar a livre distribuição de produtos necessários ao consumo da população. Mas cada estado da federação possuía sua versão do órgão fiscalizador, sendo criada no Ceará, por exemplo, a Comissão de Abastecimento e Preços (COAP).

Durante o ano de 1951, quando a seca grassava no Nordeste, foi criada ainda a Comissão de Abastecimento do Nordeste (CAN), cuja proposta foi lançada em outubro daquele como uma comissão de abastecimento exclusiva do Ceará, tendo em vista que este seria o estado mais atingido pela estiagem, de acordo com o periódico *Diário de Notícias*. Mas caso fosse autorizado pelo presidente Getúlio Vargas, a respectiva comissão poderia “beneficiar outras unidades federativas”, transformando-se assim em “Comissão do Abastecimento do Nordeste” (SERÁ CRIADA..., 27/10/1951, p.1).

As instituições citadas acima, que buscavam solucionar os problemas relacionados à alimentação da população brasileira e, em caráter de urgência, fazer o abastecimento das regiões nordestinas que foram atingidas por mais uma estiagem, não solucionaram a problemática da fome no Brasil, pois diversas regiões do país enfrentavam crises de desabastecimento e carestia de alimentos. Ocorreram, inclusive, protestos populares em Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Paraná, São Paulo e Ceará. Como afirma Lourenço Neto,

desde pelo menos 1952 os jornais registram problemas de abastecimento envolvendo produtos importantes como carne, arroz, feijão, leite, trigo e até mesmo açúcar. Crises no abastecimento desses produtos parecem ter sido comuns por mais de dez anos, contudo, os períodos mais críticos, ou pelo menos aqueles em que reações populares foram mais visíveis são 1952, 1958, 1959 e 1962 (2017, p. 3).

No Ceará, por exemplo, o jornal *Diário do Povo*, pertencente ao jornalista Jader de Carvalho (opositor constante do governador do Ceará), denunciava o aumento constante dos produtos alimentícios. Em edição publicada em 22 de janeiro de 1952 o jornal trouxe um quadro com a elevação dos preços da cesta básica, que ocorreu em um intervalo de um ano, entre 1951 e 1952.

Janeiro de 1951	Janeiro de 1952
Carne kg 10.00	Carne kg 16.00
Pão kg 5,50	Pão kg 7.50
Manteiga kg 40.00	Manteiga kg 70.00
Leite kg 3,50	Leite kg 4.40
Feijão kg 5.50	Feijão kg 7.00
Banha kg 16.00	Banha kg 26.00
Arroz kg 3.50	Arroz kg 6.00
Milho kg 2.00	Milho kg 3.00
Farinha kg 4.00	Farinha kg 6.00

Fonte: Jornal Diário do Povo..., 22/01/1952, s/p.

O artigo jornalístico denunciava, ainda, que enquanto havia o acréscimo substancial de alguns produtos da cesta básica, o salário dos trabalhadores permanecia estático, sendo necessário ganhar o dobro ou o triplo para conseguir se alimentar adequadamente. Em 1952, o salário mínimo foi estabelecido em Cr\$ 600,00 (seiscentos cruzeiros) e muitos funcionários do comércio foram demitidos, tendo em vista que os patrões se recusaram a pagar este valor aos empregados, como salienta Jucá (2003). Assim, mesmo com o aumento salarial em 1952, o valor total da cesta básica comprometia uma grande parte do salário do trabalhador cearense.

Mas se para o trabalhador assalariado no Ceará a situação era complexa e os gastos com alimentação e outros aspectos cotidianos não condiziam com o valor recebido mensalmente, para a população do campo a situação era ainda mais insustentável. Além de enfrentarem um longo período de estiagem, que havia se iniciado em 1951, havia a constante exploração dos latifundiários e a ausência total de direitos trabalhistas – salário mínimo, obrigatoriedade da carteira profissional, fixação da jornada de trabalho, férias, entre outros. Com isso, muitos foram aqueles retirantes que tiveram que recorrer à migração no recorte temporal analisado, vislumbrando-a como uma perspectiva para se obter uma vida mais digna.

Migrar para a cidade de Fortaleza foi o que fez o sertanejo Antônio Pereira do Nascimento, que teve sua trágica história evidenciada pelas páginas do jornal

Tribuna da Imprensa. O sertanejo, de 35 anos, no início do mês de março de 1953 chegou à Hospedaria Getúlio Vargas após passar “10 dias sem comer e, agora, não consegue tragar o leite que lhe dão”. Assim, o corpo do retirante, após a fome extrema pelo qual passou, rejeitava qualquer alimento. Sua mãe, Maria Josefa do Nascimento, diante daquela cena não chorava, apenas olhava em “silêncio o filho que vai morrer”. Restava somente a lamentação e a aceitação (TRIBUNA DA IMPRENSA..., 02/03/1953, p.1).

Na edição do dia 12 de março de 1953, o jornal *Tribuna da Imprensa* informava que no dia anterior Antônio Pereira do Nascimento havia falecido, pois não conseguia “engolir a comida que lhe davam. A enfermeira, então, passou a injetar-lhe sôro mas não foi possível salvá-lo”. No atestado de óbito, declararam que Antônio morreu de “penúria física” (MORREU DE FOME..., 12/03/1953, p.1).

Muitas outras pessoas pereceram devido à fome naquela hospedaria. Foi o caso, por exemplo, da menina Marinete, de apenas dois anos de vida, que em abril de 1953 “morreu de fome”. Seus pais, Francisco e Francelina Vieira, vieram de Icó com os 4 filhos e encaminharam-se para a hospedaria com a “esperança de partir para a Amazônia ou para o sul do país”, mas a fome – que já havia ceifado a vida de Antônio Pereira do Nascimento e de outros migrantes – ceifou também a vida da filha Marinete (TRIBUNA DA IMPRENSA..., 23/04/1953, s/p).

Diante da fome extrema que as pessoas vivenciavam na Hospedaria Getúlio Vargas entre os anos de 1951 e 1954, assim como durante a estiagem de 1958, os migrantes rompendo o discurso de passividade que os políticos e outros sujeitos atribuíam aos mesmos, participaram e foram protagonistas de alguns movimentos sociais e políticos na cidade de Fortaleza. Os primeiros movimentos de protesto foram as passeatas da fome, cujo intuito era pressionar as autoridades governamentais por melhores condições de vida no recinto de hospedagem.

A primeira passeata organizada pelos migrantes da Hospedaria Getúlio Vargas ocorreu no dia 27 de março de 1951, quando uma leva de pessoas saiu da rua Olavo Bilac (antigamente bairro Alagadiço, hoje São Gerardo) caminhando em direção ao centro da cidade, tendo em vista que naquele espaço se localizava o Palácio do Governo, na rua Sena Madureira.

O objetivo dos retirantes era solicitar ao governador Raul Barbosa que “fossem aproveitados em serviços de construção de estradas, no interior

cearense”. Com a pressão da multidão houve uma negociação¹ entre os migrantes e os agentes do poder, sendo os primeiros alistados para trabalhar em “serviços de construção de estradas de rodagem, nos municípios de Pentecoste e Baturité”. Após o respectivo alistamento, retornaram às dependências da Hospedaria Getúlio Vargas, para aguardar as “últimas determinações” (RETIRANTES...28/03/1951, s/p).

A reportagem do jornal *O Povo* compareceu à hospedaria na manhã do dia 28 de março de 1951 para acompanhar o encaminhamento dos trabalhadores para o interior do Ceará. A equipe foi recebida pelo delegado regional do trabalho, Crisanto Pimentel, e pelo tenente Jacaúna Cordeiro, representante da 10ª Região Militar que estava incumbido de dirigir os trabalhos de locomoção dos retirantes. Mas quem deu uma entrevista ao periódico foi o delegado do Ministério do Trabalho.

Ontem, após o regresso daqueles homens que aqui se encontravam sobre a minha orientação, fiz um levantamento dos que desejavam trabalhar em serviços de construção de estradas de rodagem, nos municípios de Pentecoste e Baturité. Todos demonstravam a melhor disposição e boa vontade nesse sentido. Diante disso, consenti que eles se dirigissem as mercearias e casas de parentes, a fim de ultimar os preparativos relacionados com a partida. Todavia para surpresa minha vi chegar a noite sem que grande parte dos flagelados retornassem a Hospedaria (RETIRANTES..., 28/03/1951, s/p)

Apesar da autorização do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) para admitir 100 “operários na construção da irrigação do açude General Sampaio” e “mais 100 operários, notadamente os que possuem família, para empregarem os seus esforços na construção do açude de Pentecoste”, muitas pessoas, “aproximadamente 150” (RETIRANTES..., 28/03/1951, s/p), optaram por abandonar a hospedaria com receio que fossem obrigados a retornar para o interior do Ceará.

A surpresa do delegado regional com o desaparecimento dos retirantes – que podem ter se deslocado para as residências dos familiares ou somente ficaram

¹ Utilizamos o conceito de negociação que o historiador Frederico de Castro Neves aborda no livro *A multidão e a história*. O respectivo historiador defende que os retirantes perceberam ao longo do tempo e a partir de suas experiências com a seca que a pressão permanente sobre políticos, representantes de órgãos públicos e outros sujeitos era a melhor arma para ampliar o assistencialismo. (NEVES, 2000).

perambulando pelas ruas da cidade – mesclava-se com o receio de que estes sujeitos, que optaram por fugir, tivessem sido influenciados por “um movimento de rebeldia de insuflação partidária” e por “elementos interessados em tirar proveito da atual situação”. Apesar de Crisanto Pimentel não ter dito explicitamente quem eram esses elementos insufladores, subentende-se que fossem atrelados ao partido comunista. Um discurso que será recorrente nas fontes consultadas.

Outros jornais traziam em suas páginas a mesma teoria conspiratória sobre a interferência de agentes políticos na decisão dos migrantes de não retornarem às cidades do interior cearense, naquele dia de 28 de março de 1951. No periódico *Correio da Manhã*, por exemplo, trazia como manchete a seguinte informação: “CONTINUA A AGITAÇÃO COMUNISTA ENTRE OS FLAGELADOS CEARENSES” (CONTINUA A AGITAÇÃO..., 30/03/1951, p.12). As letras garrafais evidenciavam quem eram os culpados por aqueles 150 retirantes terem fugido da hospedaria, os comunistas.

Assim, o jornal informava que aqueles sujeitos que estiveram com o governador Raul Barbosa no dia 27 de março

se recusaram a retornar ao sertão, insuflados talvez por elementos estranhos, fugindo da hospedaria. O diretor desta e o secretário da Polícia acreditam que os comunistas continuam agindo no seio dos flagelados, aproveitando a situação de miséria em que se encontram para pregar a revolta e a doutrina bolchevista. Vários prefeitos do interior fazem também revelações nesse sentido, autorizando a crença de que um vasto plano de agitação vermelha está em execução no Ceará (CONTINUA A AGITAÇÃO..., 30/03/1951, p.12).

Ao lermos a reportagem percebemos que os responsáveis pela mesma não tinham absoluta certeza sobre a influência dos comunistas no movimento de fuga dos retirantes, apesar do título da manchete ser enfático nesse sentido. Os que acreditavam nesse envolvimento eram o diretor da hospedaria e o secretário de polícia, que atribuíam essa grande influência à fome e à miséria pelo qual os migrantes passavam durante aquela estiagem de 1951, permitindo assim que os ideais comunistas, vindos da União Soviética, os manipulassem. Outros que também faziam tal acusação eram os chefes do executivo municipal, que relatavam agitações semelhantes no interior cearense.

No artigo acadêmico escrito por Neves se torna evidente que a preocupação dos prefeitos do interior cearense tinha fundamento, tendo em vista

que na cidade de Itapajé, em 1951, “um grupo de retirantes amotinados procura o carpinteiro José Ferreira de Melo, conhecido militante comunista local, para representa-los durante a ocupação do prédio da Prefeitura”. A solicitação foi feita por que os sertanejos afirmavam que não sabiam se expressar adequadamente, sendo necessário que José Ferreira fosse o representante junto às autoridades. Neves salienta ainda que esse tipo de conflito “fazia parte de um grande movimento de retirantes-camponeses por todo o meio-norte do Ceará, invadindo cidades e ameaçando mercados, durante a seca daqueles anos” (2020, p. 169).

No âmbito nacional, vemos que houve uma radicalização da doutrina comunista a partir do ano de 1950 com a divulgação do Manifesto de Agosto² de autoria do PCB, no qual se determinava que para se encerrar a ditadura feudal-burguesa que governava o país seria necessário um governo democrático e popular, sob a direção do proletariado (Segatto, 2003). É importante evidenciar que o PCB seguia as orientações do Partido Comunista soviético. Assim, a disputa de ideais políticos que polarizou o mundo desde o final da Segunda Guerra Mundial - colocando em lados opostos capitalistas e comunistas – também adentrou as terras cearenses.

Mas a provável intervenção comunista entre os sertanejos abrigados na Hospedaria Getúlio Vargas pode ter sido apenas um estratagema arquitetado pelos responsáveis pela migração e pela segurança pública junto à imprensa para minimizar o protagonismo dos sertanejos. Apesar disso, acreditamos que essa recusa em retornar à hospedaria, assim como ao interior, pode se caracterizar como uma forma de resistência, tal como defende James Scott (2011). Um tipo de resistência sem uma confrontação coletiva e direta com os agentes do poder. As “armas ordinárias dos grupos relativamente desprovidos de poder” eram a “relutância, dissimulação, falsa submissão, pequenos furtos, simulação de ignorância, difamação”, dentre outros (Scott, 2011, p. 219).

Assim, avalia-se que essa simulação, ao aceitar a proposta do governador Raul Barbosa para trabalharem nas estradas de rodagem no interior – fugindo em seguida da hospedaria e espalhando-se pela cidade de Fortaleza –, se configura como uma “resistência”. Nas páginas do jornal *O Povo* há a indicação de outro tipo

² O respectivo manifesto manteve sua posição sobre o país, que se iniciou com o Manifesto de Janeiro de 1948, no qual determinava-se que as causas da miséria e do atraso da economia brasileira ao monopólio da terra e aos resquícios do feudalismo, que impediam a ampliação do mercado interno e o desenvolvimento das indústrias.

de resistência, a relutância dos retirantes em se deslocar para os destinos escolhidos pelos responsáveis pelo abrigo federal. O delegado regional do trabalho, Crisanto Pimentel, afirmava que a maioria das pessoas continuava querendo e aguardando passagens para migrar para o “sul do país e principalmente para o Acre”, pois de acordo com os sertanejos as “possibilidades de estabilização econômica, no nosso sertão, são por demais remotas” (RETIRANTES...28/03/1951, s/p).

Possivelmente a ausência de direitos trabalhistas no campo, tal como os trabalhadores urbanos possuíam (salário mínimo, férias e outros benefícios), a posse da terra nas mãos de grupos latifundiários, a dificuldade financeira de possuir uma pequena propriedade para plantar e criar animais, o trabalho baseado na meação – dividir parte da produção agrícola com o proprietário da terra –, atrelado às péssimas colheitas ocasionadas pela estiagem daquele período, possibilitaram a afirmação de que no interior a estabilização econômica seria distante para esses sujeitos.

Outro jornal que atribuiu explicitamente aos comunistas essa influência junto aos retirantes foi o *Jornal do Brasil*, periódico que desde o Estado Novo estava alinhado com os ideias de Getúlio Vargas. Aliás, trazia na mesma página da edição publicada no dia 31 de março de 1951 duas reportagens relatando a presença dos comunistas no país: uma no estado de Minas Gerais e a outra em Fortaleza. Quanto ao episódio ocorrido na capital cearense, se afirmou que mesmo havendo a intervenção dos “vermelhos” entre os “pacatos homens do campo”, incentivando-os a não aceitarem a proposta do governador de partirem para o campo pois “iriam passar fome e ficar completamente desamparados”, o plano não deu certo. No dia 30 de março, dois dias após a fuga, “centenas de retirantes que haviam abandonado a Hospedaria Getúlio Vargas retornaram as respectivas regiões, sendo conduzidos em viaturas do Exército” (COMANDOS..., 31/03/1951, p.9).

No segundo semestre de 1951 outras passeatas com o intuito de protestar contra as péssimas condições de vida na Hospedaria Getúlio Vargas foram identificadas nas fontes consultadas. No dia 30 de agosto daquele ano, após o diretor do abrigo federal Othelino Alves informar aos abrigados que o embarque para a Amazônia havia sido cancelado, os migrantes resolveram fazer uma “Passeata da Fome”, indo até o Palácio do Governo solicitar ao governador Raul Barbosa providências para solucionar seus problemas. Percalços que estavam

relacionados também e, sobretudo, à ausência de comida. De acordo com o diretor a situação era desesperadora há dias, pois a alimentação consistia somente de “feijão e farinha”, sendo oferecido no período da manhã pão aos adultos e, às crianças, leite (A SITUAÇÃO..., 31/08/1951, s/p).

As palavras de Othelino Alves, transcritas pelo jornal *O Povo*, evidenciam uma tentativa de justificar a revolta dos abrigados, que, indignados perante a situação de penúria no qual se encontravam, pressionavam o governo para que houvesse melhorias na hospedaria. Era novamente o poder da negociação.

Ontem, afinal, rebentou a crise. Os trabalhadores queriam embarcar para a Amazônia, o que não era possível. As dezessete horas, ao regressar à Hospedaria, dei-lhes ciência do fato. Foi nessa ocasião que tive o meu gabinete ocupado pacificamente pelos trabalhadores. Pediram-me estes que eu concordasse com a Passeata até o Palácio. Ora, já não havia gêneros na Hospedaria para continuar alimentando os retirantes e o último almoço que lhes fora servido consistia apenas numa escassa ração de feijão. O recurso era ir mesmo a Palácio. Não pude impedir aquela marcha dos famintos. (A SITUAÇÃO..., 31/08/1951, s/p).

A marcha dos famintos, como denominou o diretor da hospedaria, realizou-se no final da tarde do dia 30 de agosto de 1951. Mas, diferentemente daquela primeira passeata realizada no começo do ano, esta foi noticiada ao presidente Getúlio Vargas, através do envio de um telegrama do vice-governador Stênio Gomes (governador em exercício naquela data devido à viagem de Raul Barbosa ao Rio de Janeiro). No documento Gomes afirmava que a Hospedaria Getúlio Vargas se encontrava com um quantitativo de 1.231 pessoas em suas dependências, uma quantia superior ao máximo suportado por aquele recinto – 1.200 retirantes. Migrantes que aguardavam “trabalho” e embarque para os “Estados Norte (sic)” (TELEGRAMA..., 31/08/1951, s/p).

Mas ao se esgotarem os gêneros alimentícios e cancelarem as passagens, informação confirmada pelos “próprios dirigentes” da instituição, os sertanejos saíram da “Hospedaria até Palácio Governo percorrendo centro cidade (sic)” em busca de “alimentos, trabalho, passagens Norte (sic)”. O governador em exercício afirmou ainda que aquelas pessoas ao se dirigirem ao Palácio do Governo receberam “imediatamente fornecimento comestíveis, voltando multidão em atitude pacífica Hospedaria (sic)” (TELEGRAMA..., 31/08/1951, s/p).

Para solucionar definitivamente a problemática da fome na hospedaria, Gomes rogava ao presidente Getúlio Vargas no intuito de que este determinasse ao Ministério do Trabalho, instituição responsável pelas hospedarias federais, “medidas urgentes sentido prover Hospedaria meios manter os flagelados ali se encontram (sic)” (TELEGRAMA..., 31/08/1951, s/p). Com o fornecimento dos alimentos e das passagens, provavelmente, os migrantes não precisariam mais se deslocar até o Palácio do Governo. Apesar de serem considerados pacíficos e pacatos pela imprensa e pelos políticos, estes poderiam atemorizar a elite fortalezense, que desconhecia ou fingia desconhecer estes sujeitos abrigados e a situação de miséria na qual se encontravam.

Na impossibilidade do DNOCS e do governo do Ceará de empregar mais trabalhadores em suas obras públicas – tal como o açude Pentecoste –. Gomes apelava ao patriotismo do presidente Vargas no

sentido determinar início imediato outras obras públicas nas zonas mais atingidas pela seca a fim impedir êxodo e evitar crescente afluência flagelados para esta Capital, que já conta imensa legião famintos sem trabalho, ou seja providenciada fornecimento passagens para os que desejam emigrar Estados Norte ou Sul fugindo horrores da fome (sic) (TELEGRAMA..., 31/08/1951, s/p).

Um aspecto da fala do vice-governador Stênio Gomes que é importante evidenciar era o temor que os nordestinos se direcionassem para a cidade de Fortaleza, engrossando assim a legião de esfomeados e mendigos já existentes na capital. Além disso, o aumento do quantitativo de pessoas significava um acréscimo dessa mão de obra excedente na urbe, podendo haver uma diminuição do salário no espaço urbano. De acordo com Rambo, esse êxodo rural “pressionava os salários urbanos para baixo” (2019, p.5), ou seja, com o aumento da mão de obra disponível e, normalmente, sem qualificação, aumentava-se o quantitativo de pessoas dispostas a aceitar os trabalhos mais subalternos, desqualificados e menos remunerados.

Com relação a essa passeata da fome realizada no dia 30 de agosto de 1951 e às ações do vice-governador Stênio Gomes descritas no telegrama acima, encontramos uma reportagem que evidenciava as contradições existentes na hospedaria que carregava o nome do presidente da República. O periódico *Diário do Povo* – de orientação comunista e crítico ferrenho do governo varguista e de

Raul Barbosa – afirmava que “aproximadamente mil flagelados formaram na passeata macabra (sic)”. Macabra provavelmente por que estes e outras pessoas estavam há quatro dias sem comida na Hospedaria Getúlio Vargas, formando uma verdadeira “legião de famintos” (UMA VERDADEIRA..., 31/08/1951, s/p).

Ao chegarem ao Palácio do Governo os migrantes foram recebidos por Gomes, ouvindo que este desconhecia os problemas vivenciados pelas pessoas naquele recinto de hospedagem. Para justificar tal alegação, afirmava que a instituição era de jurisdição federal. Tal afirmação, porém, pode ser questionada tendo em vista que o governador Raul Barbosa se encontrava naquele período (agosto de 1951) no Rio de Janeiro, buscando providências junto ao Ministro do Trabalho, Danton Coelho, para resolver as dificuldades enfrentadas pelo Estado do Ceará durante a seca. Stênio Gomes, contudo, comprometeu-se em ajudar os sertanejos, tomando as medidas necessárias para que “ninguém morresse de inanição”.³⁹

Na respectiva reportagem, o diretor da hospedaria, Othelino Alves, ao ser entrevistado pelo jornal *Diário do Povo* justificava que a fome grassava por se haver esgotado “todos os meios possíveis para conseguir alimento, tendo o mesmo pedido feijão emprestado no comércio”, não obtendo êxito nessa negociação (UMA VERDADEIRA..., 31/08/1951, s/p).

Mas, além da dificuldade de ser obter alimentos por causa da irregularidade das chuvas, havia também o descrédito que a hospedaria tinha junto aos comerciantes locais, tendo em vista que havia débitos da instituição com o comércio, ficando inviável adquirir provisões para alimentar os retirantes. A grande coincidência nesse episódio de descaso do governo federal com o envio de verbas para a manutenção daquele recinto é que a “Hospedaria tem o nome de Getúlio Vargas – o pai dos pobres..” (UMA VERDADEIRA..., 31/08/1951, s/p). Com a irônica frase, a reportagem apontava o principal culpado – o presidente Getúlio Vargas – pela situação de miséria no qual se encontravam as pessoas naquele espaço de acolhimento.

A organização dessa passeata e os problemas envolvendo a hospedaria, contudo, aparentemente preocuparam o presidente Getúlio Vargas, já que o então Ministro do Trabalho, Danton Coelho, enviou uma carta³ para o chefe do Gabinete

³ A carta sobre a hospedaria, infelizmente, não se encontra mais anexa com os outros documentos na página do CPDOC/FGV. Sendo assim, não sabemos quais problemas foram expostos para o presidente Getúlio Vargas.

Civil, Lourival Fontes, explicando a situação desse recinto. Para Danton Coelho, parecia-lhe “que o Presidente está interessado no caso” (CARTA DO MINISTRO..., 05/09/1951, s/p). E, junto à carta, o ministro anexou seu pedido de demissão do cargo. Teriam os problemas ocorridos na hospedaria alguma relação com o pedido de demissão do ministro? De acordo com Celina Araújo (1982), Danton Coelho foi um elemento importante nas articulações da candidatura à presidência e da vitória de Vargas – segundo governo, de 1951 a 1954. Essa afirmativa ganha respaldo ao analisarmos a resposta de Getúlio Vargas ao pedido de demissão:

Uma velha amizade nos une, nascida de um longo e íntimo convívio, e robustecida ainda nas provocações do ostracismo que partilhamos, e hoje nos ligam para sempre as recordações comuns da árdua e gloriosa campanha eleitoral que juntos empreendemos, e cuja vitória foi devida em grande parte aos seus incansáveis esforços e à sua esclarecida visão política (CARTA DO MINISTRO..., 05/09/1951, s/p).

A velha amizade, porém, começou a ruir quando, em junho de 1951, Danton Coelho foi afastado da presidência do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), assumindo o cargo Dinarte Dornelles. A partir de diversas divergências entre Coelho e Dornelles dentro do PTB, Danton Coelho acusou Vargas de lhe impor derrotas sucessivas. É interessante ressaltar que há um certo consenso na produção acadêmica que analisa o segundo governo de Getúlio Vargas em afirmar que, neste primeiro momento do comando governista – entre 1951 e meados de 1953 –, houve uma política de conciliação com os setores conservadores em detrimento dos “interesses da indústria, do nacionalismo e do trabalhismo” (Araújo, 1982, p.18). Assim, ao entregar a carta expondo os problemas envolvendo a Hospedaria Getúlio Vargas – uma instituição gerenciada pelo Ministério do Trabalho – Danton Coelho encontrou a oportunidade ideal para entregar o cargo de ministro, sendo “um dia feliz para muita gente...” (CARTA DO MINISTRO..., 05/09/1951, s/p).

Após essa manifestação política e social dos migrantes ocorrida no dia 30 de agosto, outra ocorreu e em uma data bastante emblemática, 07 de setembro de 1951. O periódico *O Democrata* – órgão oficial de comunicação do PCB no Ceará – informou que, antes do desfile militar celebrado naquele dia na cidade de Fortaleza, houve uma “passeata da fome”, realizada por centenas de pessoas que estavam

abrigadas na Hospedaria Getúlio Vargas. O motivo de tal rebeldia? Desde o dia anterior (06 de setembro), as pessoas naquele abrigo não comiam, pois não havia “um grão de feijão ou outro qualquer alimento”. O periódico afirmava que estes retirantes aguentaram dormir com fome, mas ao amanhecer “resolveram exigir alimentos” (ANTES..., 08/09/1951, s/p).

Percorreram o mesmo trajeto, saindo da rua Olavo Bilac em direção ao centro da cidade. Apesar do jornal afirmar que a reação dos retirantes foi algo como uma “visão espasmódica” (Thompson, 1998), ou seja, foram impulsionados por um quesito fisiológico (a fome), nessa passeata em específico houve um diferencial das outras, aparentemente foi organizada e antecipadamente preparada, tendo em vista que as pessoas fizeram toda a travessia carregando “numerosos cartazes em que a situação era descrita em eloquentes dísticos” (ANTES..., 08/09/1951, s/p). Frases que denunciavam a situação de miséria no qual se encontravam na Hospedaria Getúlio Vargas, se destacando a fome, como é possível observar a partir da imagem abaixo.



Fonte: Foto sobre a Pacea da Fome..., 1951⁴, s/p.

⁴ Na página do acervo da CPDOC/FGV consta que a data de produção da foto foi 1952, mas não há nenhum registro nos periódicos ou em outros documentos da realização de alguma passeata no respectivo ano de 1952. Consideramos dessa forma que houve um equívoco com relação a data, já que essa é a mesma passeata noticiada pelos jornais O Povo e O Democrata, de 08 de setembro de 1951.

A partir da análise da imagem acima, podemos inferir que houve uma preparação anterior ao dia 07 de setembro para a realização dessa passeata da fome, pois seria necessário algum tempo para a produção dos respectivos cartazes. Mas quem teria os financiado? Uma questão que não conseguimos responder através da pesquisa nas fontes disponíveis. Outra pergunta que não conseguimos encontrar resposta estava relacionada à autoria da fotografia, pois na página oficial do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), ligado à Fundação Getúlio Vargas (FGV), não há qualquer indício sobre isso⁵. Assim, deduzimos que os próprios agentes responsáveis pela migração dos retirantes produziram essa imagem, com um objetivo bem específico: mostrar a passividade dos sujeitos alocados na Hospedaria Getúlio Vargas.

A fotografia, em uma pose aparentemente ensaiada e tirada em um contexto que não representava o momento “real” da manifestação, mostrava o perfil de quem participava dessas passeatas da fome, sendo as mesmas formadas majoritariamente por homens – conseguimos identificar apenas uma mulher na imagem acima –, alguns deles pretos, e algumas crianças, quase todas descalças. As razões para que as mulheres permanecessem na hospedaria poderiam ser o cuidado com as crianças pequenas ou mesmo o medo de que houvesse alguma espécie de represália contra os manifestantes, tais como espancamentos e prisões.

O jornal *O Povo* trouxe também algumas informações sobre a respectiva passeata, em uma pequena reportagem, no qual relatou que “mil e tantos cearenses” percorreram na manhã do dia 07 de setembro diversas ruas de Fortaleza antes de chegar ao palácio da Luz (sede do governo) “numa verdadeira demonstração de miséria e de depauperamento físico em que se encontram (sic)”. Uma informação que efetivamente não condiz com a fotografia acima, pois as pessoas retratadas, apesar de maltrapilhas, não se encontravam em uma situação de esgotamento físico. Além disso, tal como o periódico *O Democrata*, o jornal *O*

⁵ A fotografia possivelmente tenha relação com uma nota comunicando que o Governador do Ceará, Raul Barbosa, procurou o Ministro do Trabalho para informá-lo sobre o que ocorreu com os retirantes da Hospedaria Getúlio Vargas no dia 07 de setembro de 1951. Na respectiva nota, que encontra-se no site do CPDOC/FGV, consta que há uma foto como anexo, mas ao abrirmos o documento não encontramos a respectiva imagem. Assim, inferimos que esta fotografia exposta acima seja a mesma citada no documento do governador.

Povo também relatou que os retirantes estavam “empunhando grandes dísticos, dentre estes A passeata da fome dos emigrantes da Hospedaria ‘Getulio Vargas’, aqueles nossos infelizes conterrâneos mostraram ao público a situação em que se encontram.” (NOVA PASSEATA..., 08/09/1951, s/p).

Retornando à reportagem do jornal *O Democrata* do dia 08 de setembro de 1951, houve a denúncia de que os abrigados da hospedaria e as pessoas do interior cearense passavam fome devido ao fato do periódico *Gazeta de Notícias* – que se intitulava o jornal independente do Ceará, mas que tinha uma tendência ao governo de Vargas – esconder em sua sede “a farinha e o feijão”, assim como “outros depósitos clandestinos espalhados pela cidade”, havendo assim um desvio dos gêneros alimentícios (ANTES..., 08/09/1951, s/p). Mas para o periódico o grande responsável por este extravio de comida seria o governador Raul Barbosa.

Na concepção do jornal *O Democrata* havia, porém, uma esperança para a luta dos retirantes abrigados na hospedaria, pois estes “estão aprendendo a lutar em defesa dos seus direitos. Ontem foi uma passeata para denunciar a fome, amanhã eles realizarão movimentos muito mais vastos para acabar com a fome” (ANTES..., 08/09/1951, s/p).

Acreditamos que a escolha da data de 07 de setembro naquele ano de 1951 também não foi aleatória. Ocorrer uma manifestação nesse dia específico e antes do desfile militar de Fortaleza daria uma maior visibilidade às causas dos retirantes. Ao analisarmos uma nota comunicando que o governador do Ceará, Raul Barbosa – que no período encontrava-se no Rio de Janeiro – procurou o novo Ministro do Trabalho, José de Segadas Viana, para relatar sobre o problema na hospedaria percebemos que havia uma preocupação com as ações empreendidas pelos migrantes na capital cearense. Neste comunicado, Barbosa denunciava que os “retirantes que se encontram na Hospedaria Getúlio Vargas tentaram fazer dia 7 de setembro uma ‘parada da fome’ antes do desfile militar (NOTA COMUNICANDO..., 1951, s/p).

Após essa passeata da fome realizada dia 07 de setembro, algumas ações foram empreendidas pelo presidente Getúlio Vargas, tais como o envio de verbas para a compra de alimentos, autorizar o início de obras públicas e comprar passagens para que os sertanejos pudessem migrar.

Considerações Finais

Assim, compreende-se que a organização de passeatas da fome, ao longo da década de 1950, foi importante para evidenciar para o restante dos fortalezenses, assim como para a sociedade brasileira, os problemas existentes naquele recinto de hospedagem. Mesmo havendo os rótulos de pacatos e pacíficos, a partir da pressão e do temor dessas passeatas, estes sujeitos conseguiam negociar com as autoridades governamentais e obter alguns benefícios. É importante ressaltar que, para além das passeatas, outras manifestações foram realizadas pelos retirantes (revoltas, motins, saques, etc) que evidenciavam suas lutas por uma vida mais digna nas dependências da Hospedaria Getúlio Vargas.

Referências

- ARAÚJO, Maria Celina de. **O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1992.
- BESERRA, Bernadete de L. Ramos. **Movimentos Sociais no campo no Ceará (1950-1990)**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2015.
- CHRYSOSTOMO, Maria Isabel de Jesus. VIDAL, Laurent. **Do depósito à hospedaria de imigrantes: gênese de um “território da espera” no caminho da emigração para o Brasil**. Revista História, Ciências e Saúde. Manguinhos, Rio de Janeiro, jun/2013.
- FERREIRA, Lara Vanessa de Castro. **Cassacos**. Trabalhadores na Lida Contra a Fome e a Degradação nas Obras Públicas em Tempos de Seca (Ceará – Anos 1950). 2016. 240 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- FONTES, Paulo Roberto Guerra. **Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)**. Tese de doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2002.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)**. São Paulo: Annablume, 2003.
- LIRA, Augusto César Gomes de; Paulo Raphael Pires Feldhues. **Entre o desenvolvimentismo e a fome: percursos da ASCOFAM no Nordeste dos anos JK**. Revista de História Regional, 2018.
- LOURENÇO NETO, Sydenham. **Modernização, crise e protesto popular: a questão do abastecimento nos anos 50**. XXVI Simpósio Nacional de História, São Paulo, 2011.
- NEVES, Frederico de Castro. **Camponeses e Comunistas: Diálogos Possíveis (Ceará, 1947-1953)**. Revista Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 2020, volume 60.
- NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. Fortaleza. CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.
- SEGATTO, José Antônio. **PCB: a questão nacional e a democracia**, p.217-240. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida N. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SCOTT, James C. **Formas Cotidianas da Resistência Camponesa**. Tradução: Marilda A. Menezes e Lemuel Guerra. Raízes, Campina Grande, volume 21, nº01, p.10-31, jan./jun.2002.

THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Fontes

ANTES do desfile militar foi realizada uma nova passeata da fome. O Democrata, Ceará, 08/09/1951, s/p. Biblioteca Pública do Estado do Ceará.

A SITUAÇÃO da hospedaria Getúlio Vargas – Já Não Há alimento para os flagelados. O Povo, Ceará, 31/08/1951, s/p. Biblioteca Pública do Estado do Ceará.

CARTA DO MINISTRO do Trabalho, Danton Coelho, enviada em 05/09/1951, s/p. GVC1951.09.05/4. CPDOC/FGV.

COMANDOS comunistas no Ceará. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 31/03/1951, p. 9. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

CONTINUA a agitação comunista entre os flagelados cearenses. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 30/03/1951, p.12. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

DIÁRIO DO POVO, Ceará, 22/01/1952, s/p. Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

FOTO sobre a Pateata da Fome dos Imigrantes da Hospedaria Getúlio Vargas, 1951, s/p. FGV foto 231.

NOVA passeata da Fome ontem nesta Capital. O Povo, Ceará, 08/09/1951, s/p. Biblioteca Pública do Estado do Ceará.

NOTA comunicando que o Governador do Ceará procurou o Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio para informá-lo a respeito da tentativa de agitação promovida pelos retirantes que se encontram na Hospedaria Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1951. FGV c 1951.00.00/84.

RETIRANTES DESAPARECIDOS da Hospedaria. O Povo, Ceará, 28/03/1951, s/p. Biblioteca Pública do Estado do Ceará.

SERÁ CRIADA a Comissão de Abastecimento do Nordeste. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 27/10/1951, p. 1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

TELEGRAMA enviado ao presidente Getúlio Vargas, em 31/08/1951, s/p. Arquivo Nacional. BR.AN.RIO.35.0.BIL304.

TRIBUNA DA IMPRENSA, Rio de Janeiro, 02/03/1953, p.1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

UMA VERDADEIRA legião de FAMINTOS marchou, em passeata macabra sobre o Palácio da Luz. Diário do Povo, Ceará, 31/08/1951 s/p. Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

Renata Felipe Monteiro

Doutora em História Social, pela Universidade Federal do Ceará. Atua como professora de História na Prefeitura Municipal de Fortaleza; e professora do curso de licenciatura em História, modalidade Ensino à distância, da Universidade Estadual do Ceará. Tem experiência na área de História, atuando principalmente nos seguintes temas: seca, movimentos sociais, migração, História do Ceará e engenharia civil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1415292137020166>